



<https://seer.ufal.br/index.php/sda/submissions>

<https://maceio.al.gov.br/p/semmed/revista-saberes-docentes-em-acao>

GÊNERO ORAL DEBATE: UMA ANÁLISE NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Alessandra Rafaela De Lima Martins¹
Paulenice Santos Verçosa Mata²
Rosineide Gomes De Omena³

RESUMO

Esta pesquisa se propôs a investigar a forma como o livro didático *português 1: Trilhas e Tramas da Editora LEYA*, aborda o gênero oral debate na sala de aula como um suporte para o professor. Utilizando como método a análise do capítulo do livro o qual aborda o gênero Debate, observando se havia o respeito pelas características específicas desse, e refletindo sobre os elementos argumentativos sob o viés da pragmática. Para isso, utilizamos como arcabouço teórico Searle (1979), Ducrot (1980) e Cavalcanti (2016). Ao final dessa investigação chega-se a conclusão de que o livro didático analisado ainda é infeliz em alguns aspectos, como o de recusar a linguagem coloquial, regional e marcas da oralidade tão presentes no cotidiano do alunado fazendo com que um dos objetivos ao se trabalhar esse gênero oral seja perdido, ou seja, mostrar ao aluno as diversas formas e contextos para a linguagem.

Palavras-chave: Oralidade; Argumentação; Gênero; Debate.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende investigar as forma que o livro didático *português 1: trilhas e tramas da editora leya*, aborda o gênero oral debate sob o viés da pragmática tentando assim compreender os elementos constitutivos de uma boa argumentação em um debate; ainda, investigando e refletindo sobre a maneira que o livro didático apresentado em sala de aula vem tratando esse gênero oral que é deverás importante

¹ Formada em Letras-Português pelo Instituto Federal de Alagoas(IFAL) Email: leu.26al@gmail.com

² Formada em Letras-Português pelo Instituto Federal de Alagoas(IFAL) Email: paulinhamata@hotmail.com

³ Formada em Letras-Português pelo Instituto Federal de Alagoas(IFAL) Email: roseg.omena@gmail.com

para que o aluno, diante da sociedade, possa defender suas opiniões de maneira ativa e crítica.

No âmbito escolar, o livro didático tem a função de suporte e entre os vários assuntos que cabem à língua portuguesa, os gêneros textuais e orais. portanto, configura-se como, em algumas situações, o único instrumento mediador que o professor tem acesso em sala de aula envolvidos no processo de ensino-aprendizagem “situações didáticas têm como objetivo levar os alunos a pensarem sobre a linguagem para poderem compreendê-la e utilizá-la adequadamente” (brasil, 1997, p. 21)

Refletindo sobre o respeito aos turnos de fala, as organizações sociais, lugares de fala de cada indivíduo e o uso da língua nas diferentes situações e contextos; é nesse viés que o processo de ensino deverá estar focado e por consequência o livro didático enquanto instrumento do professor, deveria abrigar base que tornasse possível ao docente trazer essas reflexões sobre a modalidade oral em sala de aula junto aos alunos.

Levando em consideração as teorias de Searle (1979), Ducrot (1980) e Cavalcanti (2016) para discutir os elementos argumentativos que o capítulo apresenta em relação ao gênero debate. observando a relação dos atos de fala, e a teoria da argumentação da língua para fundamentar essa investigação no livro didático.

Dessa forma, essa investigação se propõe a analisar as estratégias didáticas que o livro traz para auxiliar ao professor a trabalhar as competências discursivas com o alunado. a pesquisa está organizada da seguinte maneira: a primeira parte se configura como uma revisão teórica breve, uma discussão sobre a organização do objeto da pesquisa, a análise do corpus da pesquisa e considerações finais.

JUSTIFICATIVA

Apesar da oralidade se configurar como componente importante no eixo pedagógico, mais propriamente na disciplina de língua portuguesa, ela vem aos poucos apossando-se do cenário, tomando conta dos livros didáticos na atualidade e mesmo assim os professores ainda se confrontam com dificuldades para trabalhar a linguagem oral, pois há algum pouco tempo atrás o tema não tinha tamanha importância como nos dias de hoje, visto que a língua portuguesa se detinha mais na

parte gramatical e formulação de redação. Tal dificuldade se dá também ao tratar do gênero debate, que alguns professores chegam até a ignorar o tema, fazendo pouco caso da importância que possuem os gêneros da oralidade, que ajudam ao indivíduo a argumentar, ouvir, expor, opinar, sabendo que tais desdobramentos são significantes para o indivíduo que vive em sociedade.

Marcuschi(2005) nos atenta para o modo que o debate está organizado didaticamente e a oralidade como ensino-aprendizagem precisa que esteja estruturalmente fundamentada nos temas de produção e entendimento dos gêneros orais públicos formais, de maneira que envolva os elementos referentes ao círculo social de realização e elaboração desses gêneros, o entendimento sobre regras de convívio na sociedade, a sistematização da conversação, as relações entre oralidade e escrita, as variações linguísticas diante dos diferentes usos e locais onde são usadas as relações conversacionais e o poder de refletir sobre nossos próprios discursos, âmbito onde a língua está sendo usada oralmente.

Diante deste entendimento da importância da oralidade no processo de ensino-aprendizagem, iremos focar e analisar a relevância dos gêneros orais mais estritamente no gênero debate em um livro didático. Acreditamos que o gênero debate é um instrumento primordial para a elaboração e formação dos conhecimentos linguísticos e discursivos e manejo do discurso público, nas mais variadas situações em que se faz importante o poder de argumentação.

REVISÃO LITERÁRIA

Searle e a teoria dos atos de fala

John Searle, inicialmente com *Speech Actos* (1969) e logo em seguida com *Expression and meaning* (1979) deu continuidade à teoria criada por John Langshaw Austin que diz que “todo dizer é fazer”. No momento, em que se percebeu que os atos de fala são unidades linguísticas, chega-se a conclusão que suas funções são determinadas pelo contexto sendo ele verbal ou não. Searle distinguiu, ainda, cinco grandes categorias de atos de linguagem os quais seriam aqueles que estariam presentes nos enunciados:

- Os representativos (mostram a crença do locutor quanto à verdade de uma proposição: afirmar, asseverar, dizer);
- Os diretivos (tentam levar o alocutário a fazer algo: ordenar, pedir, mandar);
- Os comissivos (comprometem o locutor com uma ação futura: prometer, garantir);
- Os expressivos (expressam sentimentos: desculpar, agradecer, dar boas-vindas);
- E os declarativos (produzem uma situação externa nova: batizar, demitir, condenar).

Postula também, o ato proposicional (referindo-se ao conteúdo do comunicado) e o ato ilocucional (referindo-se ao que se realiza na linguagem) assim para Searle ao enunciar uma sentença executa-se o ato proposicional e ilocucional, ou seja, comunica-se o que se quer dizer e intenciona-se que o interlocutor responda de uma determinada forma. Para o teórico, o ato ilocucionário seria atrelado a intencionalidade e dependeria também do lugar em que falante enunciaria a sua sentença, logo sendo um dos objetos mais importantes de suas pesquisas.

Para compreender a força ilocucional cabe retomar os conceitos desenvolvidos por Austin (1962) de ato locucional, ato ilocucional e ato perlocucional, para o autor, todas as vezes que se enuncia, esses atos se realizam simultaneamente. O primeiro seriam os elementos linguísticos que comporiam o enunciado; o segundo seria a intencionalidade (ou seja, o que se espera) do locutor ao enunciar tal sentença; o terceiro sendo o efeito que a fala possui no interlocutor.

Argumentação e os atos de fala

Para Cunha (2006) a argumentação deveria ser vista como um processo no qual o uso da língua seria uma atividade verbal, assim a argumentação se valeria de dois aspectos importantes, o interativo e o comunicativo já que intenciona-se convencer o interlocutor sem que haja um desrespeito à sua opinião.

Para deixar clara a diferença entre os atos ilocucionários e perlocucionário (argumentar e convencer) (...) apresentam condições para a eficácia do ato, quer dizer, a argumentação é eficaz (atoiloc. Complexo), se o falante tiver performado a ilocução corretamente e atingido o efeito de compreensão no ouvinte, levando-o a crer, através da expressão oral, da aceitabilidade ou não da opinião expressa. Já o convencimento

é performado (ato. Perl.), se o falante atingir o efeito de que o ouvinte aceite ou rejeite a opinião expressa, e esse convencimento só ocorre quando o falante leva o ouvinte a realizar determinada atitude ou, no mínimo, apresente intenção de realizá-la. (Cunha, 2006, p. 8)

Searle chamará de ato ilocucionário complexo o ato de argumentar, diante disso, para ele, deve-se levar em consideração o lugar de fala do locutor para que esse ato iloc. complexo possa ser eficaz durante uma discussão na qual as duas partes interagem, comunicam e defendem seus determinados pontos de vistas.

DUCROT E A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

A denominada Teoria da Argumentação na Língua é uma teoria de teor dos estruturalistas em que os fundamentos de língua, de relação e signo são relevantes. O signo, no viés da teoria de saussure, é elemento da língua e só se define pela sua relação com outros signos. Na teoria de Oswald Ducrot, o signo é a frase ou sentença, isto é sistema abstrato, elaborado pelo lingüista, e seu significado é formado pelas capacidades de relação semântica que ela tem com outras sentenças. A conexão da frase se dá durante o enunciado, e entendemos que seja como uma partícula do discurso. O enunciado e o discurso têm data e lugar, uma pessoa que produz e um ou vários ouvintes. É não repetível, que se observa e é prático. É percebível, as noções de signo, relação, língua e frase estão subentendidos nesses conceitos, porém conceituados de outra forma. Olhando pelo viés semântico, a significação denomina a semântica da frase e sentido é o do enunciado. O sentido do enunciado difere da natureza da significação da frase.

Ducrot (1980), fundamenta a enunciação como acontecimento, a constituição da apresentação do enunciado em uma dada circunstância do espaço e do tempo. Esta significação é unicamente da semântica, sem outros sentidos. Assim pontua Ducrot “O sentido do enunciado é, para mim, uma descrição, uma representação que ele traz de sua enunciação, uma imagem do acontecimento histórico constituído pelo aparecimento do enunciado”. DUCROT (1980 p 34). Disse-se em termos mais simples que o enunciado anuncia primeiramente sua enunciação. Assim, da forma como o locutor anuncia-se, caracterizado por muitas marcas de primeira pessoa, para um alocutário, caracterizado pela segunda pessoa. A enunciação demonstra ostentar poderes. Pode se ver a enunciação como referência em enunciados assertivos, interrogativos, imperativos, e outros que inferem o alocutário a fazer o que se pede, e que é originado no enunciado. Desta forma, o gênero debate a que se refere este

artigo, pousa sobre a teoria de Ducrot, pois em um debate há o uso de todos estes termos em busca de respostas e envolvimento dos sujeitos envolvidos neste tipo de interação.

CAVALCANTI E O ESTUDO DA ARGUMENTAÇÃO

Dentro de uma visão de senso comum, a palavra argumentar tem uma conotação mais negativa do que positiva, pois na visão de muitos, uma pessoa que argumenta pode ser vista como uma possível causadora de problemas. No entanto, à luz da etimologia, a palavra argumentar não quer dizer discordar ou causar desconforto, ao contrário, segundo Abreu, o significado do verbo argumentar quer dizer “convencer, vencer junto com o outro, caminhar ao lado, utilizando, com ética, as técnicas argumentativas, para remover os obstáculos que impedem o consenso” (ABREU, 2004, p.93, citado por CAVALCANTI 2016, p.96). Continuando dentro dessa linha de raciocínio e utilizando das falas do mesmo autor, na visão de Abreu, (2004, p. 25, citado por CAVALCANTI, 2016, P.96) “argumentar é a arte de convencer e persuadir”. Ora, as palavras “convencer” e “persuadir” a depender da cultura social de um determinado lugar, ou de um contexto específico, também podem ter sentido pejorativo, pois ao falar que *Paulo persuadiu Ana a comprar um carro, mas o carro não estava em boas condições*, deixa subentendido que Ana foi lesada, ao ser persuadida/convencida por Paulo a comprar determinado carro. No entanto, o termo argumentar vai para além dessa interpretação, pois quando eu argumento, eu estou tentando por meio dos meus conhecimentos acerca de determinado tema, convencer um sujeito ou uma plateia em especial, a enxergar o assunto em questão pelo mesmo prisma que eu. Nesse sentido, Cavalcanti (2016) afirma que:

Os termos convencer e persuadir são muitas vezes entendidos de forma pejorativa pelo senso comum, principalmente quando o segundo termo é tido como sinônimo de enganação, de ludibriação. Na direção contrária a essa acepção tratada pelo senso comum, o termo convencer imprime uma força maior, até mesmo pelo senso comum, já que é tido como um mecanismo retórico-discursivo, que visa ao convencimento de um auditório, particular ou universal por meio da articulação de bons argumentos, usando-se o máximo de informação e de conhecimento sobre o assunto em questão. (CAVALCANTI, 2016, P. 96).

Dessa forma, os personagens envolvidos no gênero oral debate, devem estar munidos do máximo de conhecimento e informação possível sobre o assunto discutido, caso contrário, o sujeito que não tiver conhecimento mais aprofundado sobre a temática em questão, será facilmente “vencido” ou levado a pensar de forma diferente por meio dos argumentos de seu opositor. Argumentar, no entanto, não é simplesmente ter pensamentos ou ideias contrárias, argumentar é uma forma que o sujeito se define no meio social ao qual está inserido, por meio da exposição de seus pontos de vista, sejam eles informais ou acadêmicos. Sobre isso, Cavalcanti (2016) afirma:

Compreendemos que é por meio da demonstração de subjetividade, via exposição de pontos de vista, que o sujeito pode se demarcar, de forma plena, no mundo em que está inserido. A argumentação, como mote discursivo, de aparato teórico-científico, precisa ser caracterizada como imprescindível à demarcação do sujeito nas variadas relações humanas mediadas pela língua (gem), desde aquelas de teor informal, aquelas de cunho acadêmico que são carentes de estudos acerca de seus desdobramentos. (CAVALCANTI, 2016, p. 97).

Ainda sobre a argumentação, entendemos que esta é também um ato de linguagem, e como tal, um de seus objetivos é produzir sentido, sobre isso, Cavalcanti (2016) assegura:

Todo ato de linguagem tem como propósito produzir efeitos de sentido, que conseqüentemente são concretizados em ações ou em mudanças/reforço de opiniões. No entanto, há de se reconhecer que nem sempre os sujeitos têm a necessária noção sobre isso. (CAVALCANTI, 2016, P. 101).

Se tratando da argumentação e da teoria dos atos de fala, entendemos que os enunciados, além de atribuírem sentidos, vinculam também ações, por meio de forças, conferindo aos atos de fala as definições de: locucional, ilocucional e perlocucional. Nesse sentido, corroborando com Ducrot, Cavalcanti (2016) define:

No que tange ao ato locucional, a enunciação de um enunciado é provida de sentido e de referência; e consiste em emitir enunciados formados por orações aceitáveis gramaticalmente, ou seja, significativas dentro de um sistema linguístico, desse modo, o próprio ato de produzir perguntas tanto por parte do locutor 1 (perguntar) , tanto por parte do locutor 2 (responder) é entendido como um ato locucional(...) no caso do ato ilocucional, há associação entre uma força e uma enunciação, considerando a língua como um meio para atingir um fim(...) já o ato perlocucional, diz respeito à forma como o interlocutor recebe o enunciado de outrem.(CAVALCANTI, 2016, p. 114).

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a Teoria dos Atos de Fala ocupa um lugar de destaque nos estudos da Argumentação da Língua, uma vez que um ato de argumentar vai atribuir ao enunciado o que pode se chamar de força argumentativa.

ORGANIZAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA

O livro didático Português 1: Trilhas e tramas da editora LEYA, está organizado em categorias, sendo estas: Interagindo com as linguagens, Literatura e leitura de imagens, Gramática e estudo da língua e Produção de textos orais e escritos. Os capítulos são compostos de seções e boxes para a ampliação dos conhecimentos dos alunos, são esses:

Na bagagem – Se configura em um box de pré-leitura que como já diz nome retoma os conhecimentos que já se tem acerca do assunto.

Nas trilhas do texto – Uma seção que traz vários textos verbais e não verbais com intuito de enriquecer o repertório do alunado, oferecendo ainda questões de interpretação usando o texto como pretexto.

Boxe biográfico – Acompanhado de uma caricatura, atraindo a atenção do alunado, apresentando informações sobre a vida e obra de autores ou artista de outras linguagens.

Fique Ligado – Um box que indica leituras, filmes, sites, vídeos entre outras coisas para enriquecer os conhecimentos sobre assunto ou autor que está sendo tratado.

Conexões – Um box para conectar os assuntos abordados em cada unidades.

Panorama – Uma seção de sistematização do conteúdo.

Palavras na lupa – Seção para aprofundar os conhecimentos linguísticos e gramaticais.

Passos Largos – Seção com atividades para retomar os conteúdos visto na seção panorama, havendo questões de vestibular.

Glossário – Aparecendo para expandir o repertório linguísticos dos alunos.

Produção Textos – Seção que possui instruções acerca de produções textuais.

Boxes conceituais – São boxes com definições que serão importantes na compreensão dos assuntos.

Boxes informacionais – Boxes que possuem informações e curiosidades adicionais sobre o assunto abordado.

É importante salientar que o livro didático é um suporte deverás importante na sala de aula e se bem utilizado, estudados e escolhidos podem trazer grandes resultados e servir como um mediador entre conhecimento e os estudantes. A seguir haverá uma análise do capítulo 28 debate, em busca de se investigar e refletir como esse instrumento tão importante está abordando esse gênero oral que reflete na construção do aluno enquanto cidadão crítico e ativo diante de suas opiniões.

ANÁLISE DOS DADOS

Gênero textual oral debate

Em nossa sociedade, é comum a abordagem e utilização do gênero textual oral debate, é por meio de um debate, que ideias, crenças e opiniões são expostas e definidas, na tentativa de seus participantes de tornar seu ponto de vista sobre determinado assunto, relevante em relação ao ponto de vista dos outros envolvidos no processo. Faz-se importante então. o debate em ser promovido no ambiente escolar, pois além de possibilitar aos alunos aprenderem a expor seus pontos de vista e respeitar o de seus colegas, ainda promove a expansão dos pensamentos e das ideias sobre os temas debatidos. Ainda sobre o gênero debate, de acordo com os PCNs de Língua Portuguesa, quanto mais o indivíduo possuir um bom domínio da língua, maior será sua isenção e participação na sociedade ao qual ele esteja inserido, já que ao dominar a língua, o indivíduo possui maior desenvolvimento de suas competências comunicacionais. (BRASIL, 1997).

Neste trabalho, procuramos analisar se as propostas didáticas para o trato do gênero oral debate que os autores apresentaram no livro trabalhado, respeita as especificidades do gênero abordado. O capítulo 28, página 307 do livro em analisado, inicia com cinco perguntas em um box denominado: *Na bagagem*, onde o leitor é questionado com as seguintes perguntas:

- 1.você já participou de debates na escola?
- 2.Já assistiu em debates na TV ou em canais de internet?
3. Quais seriam os objetivos desse gênero oral?
4. Você conhece as regras para a organização de um debate?
5. Que temas podem gerar um debate?

Dada essas questões, o livro apresenta um novo box com o título: *Nas trilhas do debate*, em que define o conceito de debate. Na nota de rodapé desse mesmo box, o autor pede para que o professor pergunte aos alunos se eles já assistiram ao Programa Roda Viva, e pede para que o professor explique o que é esse programa. Traz ainda o endereço eletrônico do site Roda Viva para que o aluno acesse. Logo abaixo, o livro oferece recortes de um debate ocorrido no programa citado, os participantes desse debate são: o apresentador Paulo Markun, o economista Eduardo Giannetti, os professores universitários Paulo Artaxo e Ricardo de Camargo, a coordenadora do laboratório de Oceanografia Ilana Wainer, o diretor de campanha do Geenpeace Marcelo Furtado, o pesquisador José Antônio Marengo e o cartunista Paulo Caruso. Apresentados os oito participantes, inicia-se logo abaixo as falas do debate com a seguinte pergunta direcionada a Ilana Wainer:

Paulo Markun: [...] *que medida esse documento divulgado pelos cientistas muda alguma coisa na percepção que a sociedade tem do problema e mais ainda, em que medida ele muda o conhecimento que a gente tem sobre este problema?*

Ilana Wainer: [...] *eu vou tentar responder do ponto de vista dos oceanos, que é minha especialidade. Eu acho que esse relatório coloca uma importância grande do papel dos oceanos nas mudanças climáticas. Uma delas é a capacidade que o oceano em de armazenar e distribuir esse calor. Então, o oceano tem um papel que funciona como um refrigerador do planeta. Ele recebe o excesso de calor das regiões tropicais, que é redistribuído para as regiões de déficit, as regiões polares[...].*

Paulo Artaxo: [...] *evidentemente esse relatório é um marco no conhecimento científico sobre a questão de mudanças climáticas globais. Porque até o momento, quer dizer, os modelos não davam as respostas em que os cientistas confiariam o suficiente para dar um recado importante para o planeta como um todo[...]*

Marcelo Furtado: [...] *e acho que vale a pena Markun, a gente colocar um ponto importante, que é a dimensão política disso. Esse documento foi feito para tomadores de decisão[...].*

José Antônio Marengo: [...] *eu acho que é importante considerar que esse é um relatório do grupo I, que é um relatório científico, e como o Marcelo mencionou, é o chamado “sumário para tomadores de decisão”, um documento curto. O relatório I possivelmente tem 1500 páginas[...].*

Ricardo de Camargo: [...] a questão das incertezas terem diminuído, como foi mencionado, e termos colocado nesse patamar de um panorama de certo risco, e o aumento da certeza de que realmente tem uma parcela humana nisso, e mesmo minimizado, seja para os tomadores de decisões, ou porque não é em todos os lugares que os aumentos vão ser tão grandes, seja do nível do mar, seja das tempestades, seja das chuvas, eu acho que o marco foi realmente alcançado[...].

Após trazer esses trechos da entrevista destacados, o livro explica em uma nota de rodapé que na transcrição do debate, os nomes em negrito foram com a intenção de destacar os nomes dos participantes, e deixa o endereço eletrônico do programa para quem quiser acessar e assistir a entrevista na íntegra e a data do acesso, que foi em 20 de janeiro de 2016.

Dadas as transcrições das falas, o livro questiona o leitor com mais seis perguntas, são elas:

1. Qual o fato gerador desse debate?
2. Qual é o objetivo do debate?
3. Que critérios foram usados para selecionar os debatedores?
4. Mediador ou moderador é a pessoa que coordena um debate. É seu papel indicar a vez de falar de cada um, controlar o tempo de fala, interferir quando sentir que é necessário pedir novos esclarecimentos, acrescentar um novo questionamento. Qual foi o objetivo da fala inicial do mediador do programa Roda Viva, Paulo Markun?
5. Em um debate é comum a divergência de opiniões, já que os participantes expõem pontos de vista diferentes. Esse trecho da transcrição do debate que você leu, revela mais divergência ou convergência de pontos de vista em relação ao relatório? justifique com trechos do texto.
6. Pelo que você lê, estuda e observa, responda: a). Os problemas climáticos expostos no debate foram atenuados ou agravados? Explique. b) m sua opinião, a sociedade, especialmente os jovens, está mais consciente e comprometida com a resolução desse problema? Explique.

Após essas perguntas, os autores trazem um tópico denominado *Palavras na lupa*, nesse tópico, aparece a seguinte pergunta:

1. Explique a que se refere o uso da primeira pessoa do plural, nós, e sua variante informal, a gente, nos seguintes trechos do debate:
 - a) [Paulo Markun:]. Para o debate neste Roda Viva especial nós convidamos[...]
 - b) [Paulo Markun:] [. Nós]. Começamos pela Ilana.
 - c) [Marcelo Fortuno:] E acho que vale a pena, Markun, a gente colocar um ponto importante, que é a dimensão política disso.

Em seguida, no exercício 2, o livro aborda outras transcrições do debate, e por meio de mais um exercício, pede para que o aluno responda a seguinte questão:

2. A quem se referem os pronomes destacados a seguir, que fazem parte das opiniões dos participantes do debate?
 - a) Eles vão comprar nove milhões de carros...
 - b) Mas aí como é que você convence...
 - c) E essa conta vale para nós também...

Em seguida, por meio do terceiro exercício, fala que em um gênero oral como o debate, muitos complementos não precisam ser explicitados. Dando como exemplo, com recortes das falas de alguns participantes. Após isso, na questão de número 4, os autores dão a definição do termo modalizador, afirmando que este é um elemento linguístico (tempos e modos verbais, verbos, locuções verbais, advérbios, orações) por meio do qual o locutor/autor expressa determinadas atitudes, sentimentos ou posicionamentos a respeito de um assunto sobre o do qual fala ou escreve. Os modalizadores podem expressar: dúvida, um fato ou um desejo, necessidade, obrigatoriedade, certeza, assertividade em relação ao que se afirmar, probabilidade, relativização em relação ao que se afirma, ênfase, análise ou julgamento.

Logo abaixo da definição do termo modalizador, existe mais uma questão, com 4 alternativas, onde a pergunta principal pede que o leitor, baseado nas explicações que leu acima, responda a seguinte pergunta: baseada nas informações anteriores, explique o que expressam os modalizadores empregados pelos participantes do debate.

Na página 312, o livro traz o tópico Produção de textos, com o seguinte tema, Debate: A internet pode se transformar em um problema para a vida pessoal dos usuários? Dialogando com essa pergunta, existe um cartaz abaixo onde diz que na internet nem tudo é o que parece. Alertando para os perigos reais do mundo virtual. Logo após, existem mais 3 perguntas para serem respondidas a partir da análise do cartaz. A próxima questão, ainda segue a mesma linha de raciocínio dessa última, ilustra uma tirinha com alguns personagens fingindo ser o que não são, apontando para as ciladas e inverdades que o mundo virtual pode nos pregar. O último exercício desse capítulo, na página 313, é sobre uma proposta de pesquisa em forma de vídeos ou textos, trazida pelo professor. Com as seguintes temáticas: debate sobre uso do computador, dependência de internet pode se transformar em obsessão, e internet: vício no mundo virtual pode ser um grande problema. Na última página, a de número 314 deste capítulo abordado, o livro didático traz as informações necessárias para as etapas da pesquisa, essas informações estão divididas em quatro grupos, denominados: Preparação, Realização, Avaliação e Socialização.

Analisando a forma como o gênero textual oral debate foi abordado pelos autores neste livro didático, concluímos que essa maneira de abordagem do tema, abriu espaço para que os alunos tomassem conhecimento do gênero por meio das definições que o livro traz e dos recortes do debate ocorrido no programa Roda Viva. Os recortes das falas dos debatentes trazem os elementos presentes nos enunciados estudados por Searle (1979), os quais são: os elementos representativos (mostram a crença do locutor quanto à verdade de uma proposição: afirmar, asseverar, dizer), pode ser notado na fala da coordenadora de laboratório Ilana Wainer. Os *diretivos* (tentam levar o elocutório a fazer algo: ordenar, pedir, mandar), notada na fala do mediador Paulo Markun, quando este permite a vez de fala de cada participante. Os *comissivos* (comprometem o locutor com uma ação futura: prometer, garantir), os *expressivos* (expressam sentimentos: desculpar, agradecer, dar boas-vindas) - notado na fala do mediador do debate. E os *declarativos* (produzem uma situação externa nova: batizar, demitir, condenar) -esse também pode ser visto nas falas do mediador do debate Paulo Markun.

Na estrutura do debate analisado, a partir dos recortes das falas que os autores trouxeram, podemos observar como cada participante se porta, a apresentação dos participantes feita pelo mediador, a firmeza na fala de alguns, com relação as

respostas dadas, baseadas na área profissional de cada um, tomando seu lugar de fala quando lhe é dado pelo mediador do debate, e este detém o poder de permitir ou não a vez de fala de cada participante, esses fatos em questão, essa estrutura comportamental dos envolvidos em um debate oral, dialogam com os estudos de Ducrot (1980), quando este aponta que a conexão da frase se dá durante o enunciado, e entendemos que seja como uma partícula do discurso. O enunciado e o discurso têm data e lugar, uma pessoa que produz e um ou vários ouvidores.

Como já posto, Cavalcanti (2016), traz em seu trabalho, o conceito do senso comum do ato de argumentar, a depender da sociedade a qual o indivíduo esteja inserido, o autor afirma que muitas vezes, quem argumenta é tido como “alguém capaz de causar problemas, argumentar seria desrespeitar, ameaçar o bem-estar da família, da sociedade, seria vencer alguém e forçá-lo a submeter –se à sua vontade”. Porém, não apenas essa definição é dada ao ato argumentativo, logo mais, o referido autor afirma que o termo argumentar é bem mais abrangente do que define o senso comum, podendo significar, “deduzir, concluir, raciocinar, discutir, questionar, estando subjugada às diversas práticas languageiras exercidas nas esferas de atuação humana e seria melhor “compreendido” de acordo com a cultura e o nível de conhecimento de cada comunidade”. Podemos verificar essas afirmações nas falas transcritas dos debatentes, onde cada um, de acordo com o momento de fala que lhe é dado, vai elaborando suas respostas sobre a pergunta lançada, embasando-a com seus conhecimentos acadêmicos e científicos, a fim de convencer os outros participantes a partilhar de seus pensamentos.

Com relação as questões propostas pelos autores, notou-se que estas, abrem espaço para que o aluno reflita sobre a oralidade, e que estes ao abordar no determinado capítulo, o gênero textual oral debate, respeitaram as especificidades pertencentes a este gênero. Com relação à forma como o livro transcreveu as falas do debate, observou-se que este não trouxe elementos que fazem parte desse gênero oral, que seriam as hesitações na fala, a quebra a alguma regra gramatical, como um vício de linguagem ou ainda um termo mais regional, o livro transcreveu as falas todas de acordo com a norma culta padrão da gramática brasileira, uma vez que possivelmente, em um debate onde seis ou sete participantes estejam dialogando, seria normal uma palavra ou outra não estar de acordo com a norma padrão gramatical. Então, notou-se que mesmo os autores respeitando as especificidades

pertencentes a esse gênero textual oral, com relação a sua estruturação, o livro didático analisado, falhou nesse aspecto, deixando de transcrever com exatidão, as possíveis falhas nos diálogos dos participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizamos que o livro didático, objeto do nosso aprofundamento, cumpre com a proposta de trabalho sobre gêneros orais públicos, inclusive com relação a teoria por ele indicada. Questões sobre oralidade são bem-postas de maneira que haja reflexão, apesar de estarem um pouco suprimidas as questões sobre ruptura de regras gramaticais, linguagem regional e vícios de linguagem, questões estas que se fazem primordiais para a quebra do preconceito linguístico e trazem o entendimento que a língua não é estática e muda conforme as situações de fala e escrita a que estão inseridas. O livro didático traz uma abordagem própria da norma culta padrão, fator este que entendemos que causa engessamento do repertório sobre visão geral da língua e como ela se dá nas diversas situações de fala a que o indivíduo possa vir a ser inserido, não só em um debate, mas como em todas as outras situações em que a linguagem se faz presente, visto que a língua é rica e ignorar o que está fora da norma culta na atualidade pode representar a diminuição das possibilidades de conhecer a pluralidade da nossa língua.

Pensa-se no gênero debate como ferramenta de aprendizado e dessa forma pode-se haver a possibilidade de apropriar o gênero na sala de aula de modo que a disposição no livro didático esteja demonstrando como são produzidos os discursos e como se dá a estruturação dos alunos em torno de uma resposta positiva em relação ao efetivo ensino do gênero debate. Conclui-se que o aprendizado na escola sobre o conhecimento no campo da argumentação é essencial para idealização das identidades dos alunos nas ligações sociais, configurando assim o início do caminhar no exercício da cidadania para os estudantes.

REFERÊNCIAS

BARBISAN, Leci Borges. [http://www.celso.pro.br/Benveniste e Ducrot -
_por Leci Barbisan_revista33_3.pdf](http://www.celso.pro.br/Benveniste_e_Ducrot_-_por_Leci_Barbisan_revista33_3.pdf).

CAVALCANTI, Ricardo Jorge de Sousa. **Análise textual-argumentativa de processos de retextualização**: um cotejo entre a produção oral e escrita de alunos

do curso médio técnico e alunos do PROEJA ensino médio/Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti. -2016.322 f.:il.

CUNHA, Cleide Lucia da. **Atos de fala em discussões argumentativas**. São Paulo: Revista Letra Magna, 2006.

DUCROT, Oswald. **Les mots du discours**. Paris: Minuit, 1980.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A argumentatividade no discurso**. PUCSP: Letras de Hoje, jun. 1983.

MARCUSCHI, Luiz A.; DIONÍSIO Angela P. (Orgs.). **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-origem-livro-didatico.htm>